

A Inquisição Protestante

Este documento explora a história da Inquisição Protestante, desafiando a noção de que a prática inquisitorial foi exclusivamente católica. Ao analisar as ações de figuras-chave como João Calvino e Martinho Lutero, o texto demonstra como os protestantes, apesar de inicialmente defenderem a liberdade religiosa, recorreram a métodos igualmente cruéis e intolerantes. As similaridades entre as práticas inquisitoriais católicas e protestantes são evidenciadas, mostrando que a busca por poder e a imposição de dogmas frequentemente levam à supressão da liberdade de pensamento e à perseguição.



por **Sanyahu Ben Shem**

A Inquisição Protestante: Uma Prática Compartilhada

Ao contrário do que se possa pensar, a prática inquisitorial não se restringiu à Igreja Católica. Os protestantes, que inicialmente clamavam por liberdade religiosa, demonstraram uma intolerância semelhante à dos católicos, empregando métodos cruéis e semelhantes para silenciar a oposição. A história demonstra que, mesmo em nome da fé, a busca por poder e a imposição de dogmas podem levar à perseguição e à violência.

A Inquisição Protestante: João Calvino e a Intolerância

João Calvino, reformador francês e fundador do Calvinismo, era conhecido por sua rigidez doutrinária e sua intolerância a qualquer dissenso. Sua doutrina se tornou lei em Genebra, e qualquer um que ousasse questioná-la enfrentava prisão, exílio ou até mesmo a morte. O caso de Miguel Servet, um teólogo que criticava o dogma da Trindade, exemplifica a crueldade de Calvino. Servet foi condenado à morte e queimado vivo em Genebra, após um julgamento injusto e uma tortuosa prisão.

O Código de Conduta Calvinista: Uma Vida Sob Controle

Calvino buscava impor um código de conduta draconiano a seus seguidores, restringindo qualquer forma de lazer ou diversão. O trabalho e a religião eram os únicos pilares permitidos, com a vida social estritamente regulamentada. A música, a dança, as festas populares e até mesmo o patinar no gelo eram proibidos. As famílias não podiam se reunir em grupos maiores que 20 pessoas, e as festas de Páscoa e Natal eram banidas. O Deus de Calvino era um Deus a ser temido, não celebrado. Essa rigidez moral e religiosa era sustentada por um sistema de vigilância implacável, com a polícia religiosa monitorando todos os aspectos da vida dos cidadãos de Genebra.



A Polícia Religiosa de Calvino: Um Sistema de Vigilância Total

A polícia religiosa de Calvino era um braço de ferro que vigiava e punia os cidadãos de Genebra. Seus olhares perscrutadores alcançavam todos os lugares: vielas, matas, igrejas e o interior das casas. Qualquer desvio do código de conduta, desde sorrir durante um batismo até discordar das doutrinas de Calvino, era punido com severidade. As casas eram vistoriadas, as cartas interceptadas e até mesmo o gestual e os hábitos dos cidadãos eram monitorados. A perseguição era generalizada, e inúmeros cidadãos foram injustamente condenados por atos corriqueiros do dia a dia.

O Caso Gruet: Um Exemplo de Crueldade

Jacques Gruet, um opositor de Calvino, foi preso e torturado durante 30 dias, duas vezes ao dia, até confessar o crime de ter escrito um cartaz crítico a Calvino. Sem provas concretas, Gruet foi condenado à morte e executado em praça pública, amarrado a um poste e decapitado. A crueldade com que Gruet foi tratado demonstra a natureza implacável da perseguição de Calvino.

O Caso Servet: Um Herético Queimado Vivo

Miguel Servet, um teólogo espanhol que se refugiou em Toulouse, defendia uma interpretação radical da fé cristã, questionando o dogma da Trindade e o batismo de crianças. Apesar de inicialmente buscar apoio de Calvino, Servet acabou sendo perseguido pelo reformador. Calvino, em uma carta a um amigo, declarou que não permitiria que Servet saísse de Genebra com vida. Servet foi preso, torturado e, após um julgamento injusto, condenado à morte. Em 27 de outubro de 1553, Servet foi queimado vivo em praça pública, juntamente com suas obras.

A Intolerância de Lutero: Um Combate Sem Limites

Martinho Lutero, outro líder da Reforma Protestante, era igualmente intolerante e violento. Apesar de seus seguidores considerarem Lutero mais "amigável" que Calvino por seus hábitos e opiniões, seu discurso era repleto de intolerância e violência. Lutero era antissemita convicto e defendia medidas extremas contra os judeus, incluindo o confisco de bens, a expulsão da comunidade e a destruição de escolas e sinagogas. Lutero também justificava a violência como forma de preservar a ordem social, defendendo a guerra e o uso da força contra aqueles que discordassem de suas ideias.

O Massacre dos Camponeses: Lutero e a Violência Contra o Povo

Durante a Reforma Protestante, os camponeses alemães se inspiraram nas ideias de Lutero, buscando uma reforma social que combatesse a servidão e a opressão. Thomas Münzer, líder camponês, liderou uma revolta que distribuía terras e alimentos aos insurgentes. Lutero, porém, condenou veementemente a rebelião, justificando a violência contra os camponeses e alegando que Deus havia dado aos governantes o direito de reprimir qualquer revolta. Lutero se alegrou com o massacre de Münzer e seus seguidores, demonstrando sua intolerância à qualquer tipo de dissenso que ameaçasse a ordem social.

Conclusão: O Perigo da Intolerância Religiosa

O cristianismo, em suas diversas vertentes, frequentemente demonstra uma postura intolerante e totalitária, reprimindo a liberdade de pensamento e a crítica. As práticas inquisitoriais, embora associadas à Igreja Católica, também foram empregadas pelos protestantes, revelando a natureza humana da intolerância e da busca por poder. As histórias de Calvino e Lutero servem como exemplos de como a fé, quando aliada à busca por poder, pode se transformar em um instrumento de opressão e violência. É fundamental ter em mente os perigos da intolerância religiosa e defender a liberdade de pensamento e a tolerância como valores essenciais para uma sociedade justa e pacífica.